

Histeria: o princípio de tudo

Denise Maurano

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 140 págs.

A estética barroca da histeria: o feminino em questão

Lucia Maria de Freitas Perez*

793

Percorrendo as páginas de *Histeria: o princípio de tudo*, da psicanalista Denise Maurano, parte da coleção *Para ler Freud*, organizada por Nina Saroldi e editada pela Civilização Brasileira, nos deparamos com um livro que vai além do objetivo de despertar o desejo de ler Freud e verificar a atualidade de suas construções. Somos brindados com uma demonstração do estilo singularíssimo de sua autora, que transforma a estética barroca em ferramenta de contextualização e chave interpretativa, imprescindíveis para melhor situar os fundamentos, a ética e a orientação que sustentam a teoria e a clínica psicanalíticas, das quais as histéricas foram fundadoras. Com vigor e força de transmissão, o trabalho contribui para os que iniciam suas incursões no campo psicanalítico e para os que, há muito, já se dedicam à causa do inconsciente.

Enriquece seu texto o valor concedido ao teatro da Antiguidade, e dos séculos XIX e XX, além da leitura da histeria

* Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (Rio de Janeiro, RJ. Br).

através das lentes do barroco, tornando patente o gozo evocado pelas obras barrocas. Evidencia que o rebuscamento e a riqueza de detalhes, presentes nos anjinhos desnudos, com os olhinhos revirados e nas imagens de sangue, crânios e caveiras, próprios ao barroco, também são encontrados na histeria. As obras barrocas e a arquitetura histórica tendo em comum o fato de serem estruturas pautadas pela verdade do desejo, e que, “prevenidas quanto à inconsistência de um objeto que pudesse calar sua ânsia, dirigem-se para o mais além, visando um gozo de outra natureza” (p. 41).

O capítulo denominado “Nos bastidores: Freud entre a academia e o teatro” merece destaque. Descreve o contexto vivido por Freud em Viena, ao final do século XIX, e apresenta a imperatriz Elisabeth II, esposa de Francisco José I, imortalizada no cinema pela atriz Romy Schneider, personagem bela e rebelde que se tornou símbolo de uma época de grandes transformações, conferindo à histeria, no dizer de Denise Maurano, “uma visibilidade a mais” (p. 32). Demonstra que foi por um complexo caminho, marcado pelo feminino, que Freud chega à histeria e à Psicanálise. Diferentemente da tradição médica, o pai da Psicanálise não toma a teatralidade como farsa, mas acolhe-a como um modo particular de manifestar a verdade.

794

Assim, após ter lançado “luzes barrocas sobre a cena histórica”, a autora acentua o foco sobre seu objeto, debruçando-se sobre os primeiros casos clínicos estudados por Breuer e Freud. Com elegância, demarca os principais aspectos desses atendimentos que tanto contribuíram para a constituição da psicanálise. Sob sua pena, revisitamos Ana O., Elisabeth e Dora, exemplos paradigmáticos da pesquisa clínica extremamente refinada que passa a se produzir a partir dessas escutas. Pesquisa que, partindo do trauma, alcança a fantasia, eixo fundamental para o acesso à verdade de um sujeito, que encontra no sintoma e na fantasia modos privilegiados de expressão.

Tomando com rigor a obra freudiana construída a partir do tema, “Histeria, o princípio de tudo”, enlaça-a a comentários de Lacan. Dos primeiros estudos psicanalíticos, chegamos à distinção entre o desejo e o gozo e à máxima lacaniana de que “não há relação sexual”, momentos de um trajeto que passa pela análise da estrutura defensiva da histeria, pelo enigma do feminino e pela insatisfação como marca de desejo nos históricos.

A autora evidencia que a histeria, mais do que uma patologia qualquer, é uma gramática desejante, um modo particular de fazer laços e de operar com o desejo. Introduzi-la e reintroduzi-la, especialmente no cenário atual, onde a tendência organicista, influenciada pelos laboratórios farmacêuticos, chegou a erradicá-la das classificações psicopatológicas, é, como muito bem grifado no sumário, um imperativo. Se a fragmentação das psicopatologias em seus sintomas, proposta pelos DSMs, retira a subjetividade da psicopatologia

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

psiquiátrica e abre mão da organização imanente à pluralidade dos sintomas psíquicos, o livro não se configura apenas como um “manifesto em prol da histeria”, como apontado pela autora, mas como um manifesto em prol do sujeito e de seu desejo.

Citação/Citation: Perez, L.M.F. (2015, dezembro). A estética barroca da histeria: o feminino em questão. Resenha do livro *Histeria: o princípio de tudo*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(4), 793-795.

Editor do artigo/Editor: Profa. Dra. Sonia Leite

Recebido/Received: 14.9.2015/ 9.14.2015 **Aceito/Accepted:** 29.10.2015 / 10.29.2015

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

795

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

Psicanalista, membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ, Br); Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental, pelo IPUB/ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professora Adjunta da UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ, Br).

Av. Arquiteto Affonso Reidy, 244/101 – Barra da Tijuca
22620-270 Rio de Janeiro, RJ, Br
e-mail: lmfperes@uol.com.br



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.